

RE- FLECTERE

Um olhar
sobre a pobreza
em Lisboa

RE- FLECTERE

**Um olhar
sobre a pobreza
em Lisboa**

Um projecto do Observatório
de luta contra a Pobreza
na cidade de Lisboa

Fotografias de
Marcelo Londoño

Sendo amplamente reconhecido de que nas cidades as situações de Pobreza e Exclusão Social podem ser mais extremas, estas intensificam-se ainda mais em períodos de crise económica, potenciando a sua concentração em bolsas territoriais consideradas vulneráveis pela coexistência de um conjunto de problemas relacionados, tais como, a privação material, altos índices de desemprego, baixos níveis de escolaridade, más condições habitacionais, entre outros. Resultado: um conjunto significativo de pessoas é atirado para as margens da sociedade, ficando, assim, desprovido do acesso aos direitos humanos, demasiadas vezes, aos mínimos direitos humanos.

Neste contexto, onde coabitam dinâmicas e realidades tão distintas, poderá ser fácil as situações de maior vulnerabilidade tornarem-se abstratas, ou até mesmo invisíveis, pretende-se com o projecto RE-FLECTERE, promovido pelo Observatório de luta contra a Pobreza na cidade de Lisboa, em parceria com o fotodocumentarista Marcelo Londoño e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, consciencializar, desmistificar e reflectir sobre as situações de maior fragilidade social existentes na sociedade em geral, e na cidade de Lisboa em particular, tornando-as mais visíveis e concretas. Queremos, igualmente, chamar a atenção para o facto de os problemas sociais serem resultado das nossas escolhas, da adopção de um determinado modelo de sociedade e, por isso mesmo, todos somos responsáveis e temos um papel a desempenhar para a sua prevenção e superação.

A ideia da produção de um livro associado ao projecto RE-FLECTERE vai para além da finalidade de ser mais um livro de fotografia sobre a pobreza, querendo, sobretudo, desempenhar um papel pedagógico junto de um público diversificado buscando a quebra de preconceitos, estimulando o desenvolvimento de um espírito crítico e consciência social e cívica junto da sociedade em geral.

Este é o principal objectivo desta publicação. Contamos com todos para NOS ajudarmos. Para co-responsavelmente encontrarmos as melhores soluções para um problema que é colectivo - e que só colectivamente pode ser resolvido.

Observatório de luta contra a Pobreza na cidade de Lisboa

Este livro, e o projecto que lhe dá corpo, assume um carácter político e simbólico, utilizando a linguagem fotográfica como ferramenta na luta contra as formas de injustiça social, criando um discurso subjectivo sobre o tema, centrado especialmente nas condições de vida precárias na cidade de Lisboa.

Neste contexto, a fotografia tenta ficar o mais longe possível dos padrões do documental ou do fotojornalismo, padrões estes que, até aos dias de hoje, ainda sustentam a falsa ideia de que aquela transmite a “verdade” ou tem a capacidade de transportar o mundo real até ao seu público, suportando a manutenção do poder dos grandes meios de comunicação e das elites sociais, uma ideia distinta daquela que com este trabalho se pretende transmitir.

Compreender este aspecto é importante, já que pelas características da fotografia, em geral o público tende a confundi-la com a realidade, caindo no engano da perfeição que ela apresenta na sua bidimensionalidade, olvidando que “capturar” o tempo e o real é impossível.

Concretamente sobre a fotografia deste RE-FLECTERE, trata-se de uma representação subjectiva e também pessoal, um discurso que se centra na ideia de que o outro faz parte de mim, e que a sociedade é um conjunto de indivíduos todos ligados de alguma forma, devendo as dificuldades desse outro ser o meu reflexo. E é isso que nos convida a vê-lo como nosso par, partilhando o caminho na procura de uma sociedade mais igualitária e justa.

Marcelo Londoño



“De onde são?” perguntam-nos. “Somos de Lisboa”, respondemos com orgulho. “Lisboa?! Não há luz como a de Lisboa.” Nós assentimos. “Sim, é verdade, Lisboa tem uma luz que a torna única.” E aplicamos este adjectivo com a intenção de a distinguir das demais, de a tornar especial, como a palmeira que vemos no meio das restantes árvores do jardim, que nos faz pensar que estamos num qualquer país tropical.

Mas, tal como a palmeira se encontra rodeada de outras árvores, também Lisboa comporta uma enorme diversidade e, como tal, diferentes realidades, realidades estas que muitas vezes não se coadunam com as imagens idílicas que associamos a um cenário tropical. Contudo, a ponte que vemos lá ao fundo, carregada de simbolismo, não nos deixa esquecer que a luta por uma maior igualdade é uma constante e que tornar visíveis os que são invisíveis e tornar Lisboa uma cidade que é de todos e para todos, é um trabalho de todos e de todos os dias.



Ombros descaídos a fazer-nos lembrar as dificuldades e barreiras que encontramos e enfrentamos na vida, mas o que prevalece é o olhar, um olhar de esperança, dirigido para o futuro, que nos faz continuar a acreditar e ter confiança que os valores de justiça, solidariedade e igualdade continuam a ser o caminho para a construção de uma sociedade mais coesa.

Cais do Sodré, local de chegada e partida para muitos trabalhadores que se deslocam em transportes públicos para trabalhar em Lisboa. O ponteiro está a chegar às 8 horas. Para muitos, significa o fim de uma longa jornada de trabalho que teve início, exactamente, doze horas antes, quando o ponteiro marcava as 8 da manhã.





Longe vão os tempos onde o trabalho não minguava, na zona considerada o pulmão da indústria em Lisboa. Tabaco, vinho, fósforos, sabão ou equipamentos militares, era só escolher. Passados estes anos, as memórias são combustível para suportar um peso que nem o machado consegue quebrar: o peso de um desemprego longo, demasiado longo, numa idade que dizem já não ser de menino.





“ *Este é o meu fado*”. Quantas vezes ouvimos esta expressão, de esperança esmorecida, vinda da boca de alguém que tem uma vida difícil e que já encarou demasiadas portas fechadas?

O destino de cada um não é traçado à nascença por uma qualquer providência divina. Calar o fado vestido de xale preto e carregado de fatalismo, e substituí-lo por um fado sorridente, torna-se imperativo para uma verdadeira igualdade em sociedade.

GRUPO DESPORTIVO DA MOURARIA

NAO FUMADORES
NO SMOKERS
NON FUMEURS

PRE-PAGAMENTO

Um tiro na Mouraria

Grande Tarde de Eadós

29 Novembro

RTUGAL

ARTE
CABE
TODA

DAVE



Abrimos a porta de casa e o que vemos vai para além de um mero tecto com paredes, janelas, móveis. Abrimos a porta de casa e vemos histórias, memórias, vivências, recordações, algumas delas, muitas vezes as mais importantes, estão emolduradas e são o motor de arranque da nossa vida.







Davam os bons dias uma à outra quando se cruzavam nas escadas. É quase um privilégio nos dias que correm. Olinda e Carla sempre se deram bem, mas as correrias da vida não deixavam tempo para muitas mais conversas. Olinda vive na Rua dos Lagares já lá vão 57 anos. Carla nasceu e foi criada na Mouraria. Há 5 anos que conhece o prédio onde vive como sua casa.

A vida ia correndo. Os problemas ficavam dentro de casa de cada uma, até que um dia chegou à caixa de correio o que evitavam pensar que pudesse acontecer. O prédio ia ser vendido e tinham um prazo para sair das suas casas. Agora era incontornável. O problema não podia ficar dentro de cada uma das casas. Até aqui, Carla e Olinda nunca pensaram ter Voz. Mas agora não. Não se vão calar. "Não podemos pensar só em nós. A união faz a força.", dizem.





Luís, 78 anos. Já fez um pouco de tudo desde que chegou a Lisboa há 61 anos. Conta-nos, com orgulho, o seu percurso de trabalho, ou melhor, de trabalhos. De uma vida. Trabalhos estes, que passados 42 anos de descontos para a Segurança Social, lhe dão uma reforma que só chega até ao dia 20. O próximo mês só começa no dia 8.







Todas as pessoas o conhecem como Dino, mas o bilhete de identidade diz que é Gentil, e gentil pode ser mesmo a melhor palavra para o descrever.

Com voz meiga, olhar doce e muito respeitoso, diz-nos que o valor da sua reforma, de trezentos e poucos euros, não lhe permite entrar na competição de quem dá mais, como acontece hoje com o arrendamento em Lisboa. São os sinais do tempo, um tempo de luta e (re)conquista de direitos.



Nascida e criada num dos bairros mais típicos de Lisboa, a senhora Fernanda, com 68 anos, continua a viver na Madragoa, actual freguesia da Estrela, zona conhecida pelas varinas e pescadores que migraram no século XIX da região de Aveiro. O trabalho no lavadouro das francesinhas, após o falecimento do marido, é o que lhe permite superar a solidão que sente, num bairro que já não é o mesmo que a viu crescer.





Final de uma tarde de Verão. Quente. Apanhar a fresca à soleira da porta é um hábito antigo. Normalmente, pelo menos, a dois. Mas os tempos de um pátio cheio já lá vão. Contudo, o olhar dirigido à cadeira, que agora se encontra vazia, trazem à memória lembranças felizes – e um largo sorriso.





O braço esticado como que a dizer “Pára,
é tempo de fugir do caminho sinuoso
que os meus pais e avós percorreram.
É tempo de seguir um caminho diferente. Um
caminho com mais e melhor escolarização.
Um caminho onde a escola é a ferramenta que
me permitirá almejar ter um futuro diferente,
com mais e melhores oportunidades.”





Miguel ainda quer correr muito mundo. Fazer a viagem como Che Guevara fez com “La Poderosa”, é um sonho. Diz-nos isto com um brilho nos olhos, característico de quem tem nos genes a garra de tornar um sonho realidade.

Apesar da sua tenra idade, está consciente que ainda hoje o lugar onde se vive pode determinar o futuro, mas tal como Che, Miguel acredita que tornar o mundo melhor é possível, e quando se pergunta onde quer viver no futuro, a resposta sorridente sai sem hesitar, “no melhor bairro do mundo, o Bairro Padre Cruz”.

Primero o aquecimento, depois o treino e a seguir o momento esperado: o apito diz que o jogo começou. Podia ser mais um jogo, mas no futebol cada jogo é um grande jogo. As emoções estão ao rubro.

A bola começa a rolar na praça. Os primeiros passes de bola são dados, o jogo começa a aquecer. Há faltas, festejos, brigas, dedicação, ouvem-se incentivos e advertências. Parece que estamos a assistir a uma partida de futebol profissional, mas é mais um treino de futebol de rua, uma metodologia de intervenção social adoptada essencialmente em contextos de vulnerabilidade e exclusão social que pretende, através de técnicas de educação não formal, estimular e desenvolver várias competências junto de crianças e jovens, tais como, a auto-superação, a participação e a cooperação, gerando sentimentos de espírito de equipa e a conquista de objectivos comuns. É um dos caminhos para o derrube das barreiras sociais. É o desporto como motor de inclusão.







Em cada vela, um pedido. Um desejo.
Uma reflexão. Um obrigado. Acreditar.
Busca na transcendência uma luz
de energia na fé de encontrar a superação
do transcendente dia-a-dia.





A vida do Belarmino já deu muitas voltas. Com veia de comerciante desde muito novo, em Huambo, aos 5 anos de idade, já trabalhava no comércio. Venda de pão, amendoim, gado, diamantes. Tinha uma boa vida em Angola, até chegar a guerra civil. Sempre bom aluno, nas palavras dele, levava tudo a sério.

A ambição era continuar a estudar, ter um curso superior. Veio para Portugal aos 19 anos, terminar o curso no Instituto Superior Técnico e as boas notas permitiram-lhe ser convidado para dar aulas no ISEL, corria o ano de 1977. Uma reviravolta na vida, o diagnóstico de uma doença mental crónica, deu por encerrado os 15 anos de ensino, mas a sua grande paixão, a matemática, permite-lhe equilibrar a sua vida e a de muitas outras pessoas, ao dar explicações de matemática e física a alunos de todas as idades.



“Rifar o meu coração”, um lugar de confissões, tristeza, alegria, choro, lágrimas, dança e muita música. Não defraudou. Foi mesmo assim, na Zona J, em Lisboa, na Casa Conveniente. Como em qualquer casa, assistimos a partilhas de vida onde a realidade se confundiu com ficção. Vidas com vivências e sobrevivências. Onde havia roubos, falsificação de documentos e prisão, passou a haver leitura, escola, aulas de teatro e espectáculos. É a inclusão da arte. É a arte da inclusão.



Tinha em mim todos os sonhos do mundo. A inocência de criança fazia-me crer que tudo era possível. *"Eu vou conseguir!"* Mantra que repetia para mim mesmo todos os dias. Acreditando que acreditar era suficiente. Regresso agora, com demasiada frequência, ao mesmo credo, cada vez que há uma dificuldade para superar: *"Eu vou conseguir, eu vou conseguir."*





Podia ser Abdou, como Deila ou Aruna, o nome não é importante, nem tão pouco os motivos que fizeram com que saíssem da sua terra natal à procura do “eldorado” na capital mais soalheira da Europa. O peso da comunidade imigrante faz com que Lisboa diga com prazer que é uma cidade multicultural que tão bem sabe acolher e integrar.

Mas tal como Ganesh, símbolo removedor de obstáculos, também estes imigrantes desejam alcançar o sucesso, enfrentando e superando as diversas dificuldades que se lhes apresentam no dia-a-dia, como a legalização ou a aprendizagem do português, essenciais para a integração no mercado de trabalho ou na procura de habitação.



O símbolo na *t-shirt* remete-nos para a origem mitológica do nome, Vitória, deusa grega que personifica o enfrentar de batalhas e de conquistas. Esta casualidade faz-nos pensar nas estratégias que muitas das pessoas, que por variadas circunstâncias da vida se encontram sem laços e vínculos necessários para (sobre) viver em sociedade, enfrentam para vencer as diferentes batalhas da vida.





Hoje, nestas escadas em Belém, amanhã em qualquer rua da cidade de Lisboa. Um chapéu como protecção do sol ou da chuva, um acordeão que alegra quem passa, o melhor amigo do homem como companhia e um olhar semicerrado dirigido ao horizonte a transmitir uma prudente resistência.





Uma morada no *curriculum* a dizer que vive num qualquer bairro social pode ser sinónimo de exclusão automática de um processo de recrutamento. *"Mas como é que isto pode acontecer se é ilegal e viola a constituição?"*, dizem os mais indignados. Mas a realidade, muitas vezes diferente do que diz a lei, faz com que muitos dos que vivem nos chamados bairros periféricos de Lisboa, aqueles onde muitas vezes as crianças ainda podem brincar na rua, sintam na pele esta segregação residencial, impedindo-os de integrar o mercado de trabalho.





Cruzamo-nos. Ele com fones a cantarolar, em estilo rap, “*Paz, pão, habitação, saúde, educação...*”. Olhamo-nos nos olhos, trocamos um sorriso e os pensamentos alinham-se. Quase meio século desde a primeira vez que ouvimos este poema de Sérgio Godinho: “*Liberdade*”. Mas, por muitos anos que passem, independentemente do estilo, da interpretação, há coisas que serão sempre actuais. A letra continua “...*Só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e de decidir...*”. Independentemente do local ou da condição onde nascemos, acrescentamos nós.

v. principal
e Cholas



AGRADECIMENTOS

Abdou Ba
Andreia Calçadas
Belarmino Liuanhica
Carla Pinheiro
Fernanda Fernandes
Gentil Bernardino
Luís Santos
Marcos Andrade
Miguel Barreto
Olinda Bernardino
Tomás Camara

Associação Nacional de Futebol de Rua
Associação “O Companheiro”
Associação “Renovar a Mouraria”
Câmara Municipal de Lisboa
Casa Conveniente
Junta de Freguesia de Santa Maria Maior
Junta de Freguesia da Estrela

R3-FLECTERE

Um olhar sobre a pobreza em Lisboa

Novembro, 2017

OBSERVATÓRIO DE LUTA CONTRA A POBREZA NA CIDADE DE LISBOA

É uma iniciativa da EAPN Portugal/Rede Europeia Anti-Pobreza, Organização Não Governamental (ONG), congénere da EAPN - European Anti Poverty Network, a maior rede europeia activa na luta contra a pobreza, contando com o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, da Câmara Municipal de Lisboa e da Fundação Montepio.

Desde a sua fundação em Portugal, em 1991, e através dos dezoito núcleos distritais que possui, que a EAPN Portugal/Rede Europeia Anti-Pobreza sempre defendeu a investigação, o estudo e a promoção de mecanismos de observação regular e de diagnóstico credíveis como meios primordiais no combate às situações de pobreza.

É, neste sentido, que surge a sua posição estratégica relativamente à necessidade fulcral da existência de Observatórios, sejam eles locais, nacionais e/ou europeus, com enfoque na análise das dimensões e dinâmicas sociais, através da adopção de abordagens instrumentais e metodológicas diversificadas, tendo como fim último contribuir para uma actuação mais concertada no que diz respeito ao combate às situações de pobreza e exclusão social.

No seguimento desta ambição, em Julho de 2006, foi constituído o Observatório de luta contra a Pobreza na cidade de Lisboa, cuja missão é contribuir para o conhecimento da realidade socioeconómica da cidade de Lisboa através da adopção de metodologias e construção de instrumentos diversos, quantitativos e qualitativos, que permitam apoiar a tomada de decisões estratégicas e a aplicação de medidas concretas destinadas à inserção de pessoas socialmente desfavorecidas, estimulando e promovendo projectos e medidas que visem o reforço de dinâmicas de desenvolvimento local e de trabalho em rede.

Estes dez anos de existência passaram, sobretudo, pelo fortalecimento e consolidação da missão e pelo estreitamento de relações com os diversos agentes sociais da cidade, resultando na construção de diversos instrumentos inovadores e considerados de extrema relevância e utilidade para o conhecimento do retrato social de Lisboa.

Para o futuro, o intuito continua a passar por prosseguir o propósito de produzir e disponibilizar informação de qualidade e de forma livre, democratizando o acesso à informação e ao conhecimento qualificado, estimulando a participação e, deste modo, o exercício da cidadania plena.

<http://observatorio-lisboa.eapn.pt>

<https://www.facebook.com/Observatorio-Pobreza-Lisboa>

MARCELO LONDOÑO

Fotógrafo de nacionalidade colombiana realiza, principalmente, trabalhos de longo prazo sobre diferentes aspectos da sociedade, sempre partindo dos indivíduos e suas vidas para assim construir discursos onde a linguagem fotográfica é o principal elemento para contar. Licenciado em História, mestrando em História Moderna e Contemporânea e com estudos em Cinema, o seu trabalho vai desde as formas de subsistência em conflito, à vida quotidiana ou à luta social. Actualmente, trabalha numa linguagem mais simbólica, ficando longe dos dogmatismos da fotografia documental ou do fotojornalismo, entendendo a fotografia como uma linguagem pessoal e subjectiva, o que permite formular perguntas e leituras com o fim de promover a reflexão.

Tem desenvolvido o seu trabalho por vários anos na América do Sul, complementando o seu percurso com trabalhos desenvolvidos na Ásia, centrados especialmente na luta social por direitos e igualdades dos Dalits e das trabalhadoras sexuais, estando também envolvido em projectos que retratam as mudanças sóciopolíticas que se sucedem nos últimos tempos na Europa, retratando os impactos que estas produzem nas populações tradicionais e nos nichos vulneráveis das grandes cidades.

O seu trabalho tem sido publicado em várias revistas e jornais de países na Europa, Estados Unidos e América do Sul, tendo o seu trabalho sido reconhecido no New York Times Portfolio Review, IPA International Photography, Noorderlicht Photofestival, Capture Corruption Thomson Reuters e Paraty em Foco.

<http://marcllus.wixsite.com/photographer>

<https://www.facebook.com/marcllus.wallace>

FICHA TÉCNICA

Título: **RE-FLECTERE, um olhar sobre a pobreza em Lisboa**

Coordenação: Sérgio Aires

Textos: Catarina Cruz

Fotografias: Marcelo Londoño

Design gráfico: Lucas Gomez / craneo.me

Edição: EAPN Portugal/Rede Europeia Anti-Pobreza

Observatório de luta contra a Pobreza na cidade de Lisboa

Produção: Finepaper

Tiragem: 500

Data de publicação: Novembro, 2017

ISBN: 978-989-8304-45-2

Depósito Legal: 433609/17

Reservados todos os direitos.

Proibida a reprodução, total ou parcial, do texto
ou das imagens, sem autorização prévia dos autores.



Promovido por:



Apoiado por:



